

"Freida McFadden segue entregando aquilo que faz de melhor: enganar o leitor da primeira à última página!" – Tiago Valente, booktoker com mais de meio milhão de seguidores

FREIDA McFADDEN



O SEGREDO DA EMPREGADA

Não espie por trás da porta.





PRÓLOGO

Hoje à noite, vou ser assassinada.

Um relâmpago no céu ilumina a sala do pequeno chalé onde estou passando a noite e onde minha vida em breve chegará a um abrupto fim. Mal consigo distinguir as tábuas de madeira do piso lá de baixo e, por uma fração de segundo, imagino meu corpo esparramado nessas tábuas, com uma poça vermelha se espalhando num círculo irregular e se entranhando na madeira. Meus olhos abertos fitando o nada. Minha boca entreaberta, com um filete de sangue escorrendo pelo queixo.

Não. *Não.*

Hoje à noite, não.

Quando o chalé fica escuro de novo, tato às cegas na minha frente para me afastar do conforto do sofá. É um baita temporal, mas não forte o suficiente para afetar a energia. Não; outra pessoa foi responsável por isso. Alguém que já tirou uma vida nesta noite e imagina que a próxima vá ser a minha.

Tudo começou com um simples trabalho de faxina. E agora pode terminar com meu sangue sendo limpo do chão do chalé.

Espero o clarão de outro relâmpago me mostrar o caminho, então avanço com cuidado na direção da cozinha. Não tenho um plano em mente, mas a cozinha contém armas em potencial. Lá tem um conjunto inteiro de facas; na falta de uma, até um garfo pode servir. Só com as mãos, não tenho a menor chance. Já com uma faca, minhas chances talvez sejam um pouco maiores.





A cozinha tem grandes janelas retangulares que deixam entrar um pouco mais de luz do que no restante do chalé. Minhas pupilas se dilatam no esforço de absorver o máximo possível de claridade. Cambaleio em direção à bancada, porém, após dar três passos sobre o linóleo, meus pés escorregam e me estatelo no chão, batendo o cotovelo com tanta força que surgem lágrimas nos meus olhos.

Embora, para ser sincera, eu já estivesse com lágrimas nos olhos.

Ao tentar me levantar outra vez, desorientada, me dou conta de que o piso da cozinha está molhado. Há o clarão de outro relâmpago, e baixo os olhos para a palma das mãos. Estão tingidas de vermelho. Não escorreguei numa poça d'água nem em leite derramado.

Escorreguei em sangue.

Fico sentada por um instante enquanto analiso meu corpo. Nada dói. Sigo ilesa. Isso significa que o sangue não é meu.

Pelo menos, não *ainda*.

Anda. Sai daí agora. É sua única chance.

Dessa vez, consigo ficar de pé. Chego à bancada da cozinha e dou um suspiro de alívio quando meus dedos fazem contato com a superfície dura e fria. Tateio em busca do faqueiro, mas não o encontro. *Onde* ele foi parar?

E é então que ouço passos se aproximando. É difícil avaliar, especialmente estando tudo tão escuro, mas tenho quase certeza de que agora tem mais alguém comigo na cozinha. Todos os pelos da minha nuca se eriçam quando um par de olhos se crava em mim.

Não estou mais sozinha.

Sinto um peso no estômago. Eu tinha tomado uma decisão muito ruim. Subestimei uma pessoa extremamente perigosa.

E agora vou pagar muito caro.





PARTE I





UM MILLIE

Três meses antes

Depois de uma hora esfregando, a cozinha de Amber Degraw fica praticamente imaculada.

Levando em conta que, até onde sei, Amber parece fazer quase todas as refeições em restaurantes do bairro, aquele esforço não me parece muito necessário. Se fosse para apostar, eu diria que ela nem sequer sabe ligar aquele forno chique. A mulher tem uma cozinha lindíssima, gigantesca, cheia de aparelhos que provavelmente nunca usou. Tem uma panela de pressão elétrica, uma panela de arroz, uma air fryer e até um negócio chamado *desidratador*. Parece um pouco contraditório alguém que tem oito tipos de hidratante diferentes no banheiro ter também um desidratador, mas longe de mim julgar.

Tá, eu julgo *um pouco*.

Mesmo assim, esfreguei com todo o cuidado cada um desses aparelhos nunca usados, limpei a geladeira, guardei vários itens de louça e passei o esfregão no piso até ele ficar reluzente a ponto de eu quase enxergar meu reflexo. Neste momento, tudo que preciso fazer é guardar a última leva de roupa lavada e a cobertura dos Degraws estará oficialmente tinindo de limpa.

– Millie! – A voz ofegante de Amber adentra flutuando pela cozinha, e seco um pouco de suor da testa com as costas da mão. – Millie, *cadê você?*





– Tô aqui! – respondo alto.

Mas é bem óbvio onde estou. Apesar de grande, a cobertura, que unificou duas unidades contíguas para formar um superapartamento, não é *tão* grande assim. Se eu não estiver na sala, é quase certeza que estou na cozinha.

Amber entra no cômodo com o visual impecavelmente elegante de sempre, usando um de seus muitos, *muitos* vestidos de marca. O desse dia tem estampa zebreada, um decote em V bem cavado e mangas que se estreitam ao chegar nos pulsos finos. Ela combinou o vestido com botas também zebreadas e, embora esteja linda de morrer como sempre, uma parte minha não sabe muito bem se eu deveria elogiá-la pela produção ou caçá-la num safári.

– Ah, aí está você! – exclama ela com um quê de acusação na voz, como se eu não estivesse exatamente onde deveria.

– Já tô acabando – respondo. – Falta só pegar a roupa limpa e...

– Na verdade, vou precisar que você fique – diz Amber, me cortando.

Eu me encolho por dentro. Trabalho como faxineira para Amber duas vezes por semana, mas também faço outras coisas para ela, entre as quais cuidar de sua filha Olive, de 1 ano e 7 meses. Tento ser flexível porque o pagamento é sensacional, mas ela não é muito boa em pedir as coisas com antecedência. A sensação que tenho é de que todos os meus trabalhos de babá para ela são apenas em caso de extrema necessidade. E, pelo visto, só é necessário me informar vinte minutos antes.

– Eu tenho pedicure – explica ela, com tanta seriedade quanto se estivesse me informando que está indo para o hospital fazer uma operação no coração.

– Preciso que dê uma olhadinha na Olive até eu voltar.

Olive é um doce de menina. Não me incomodo de jeito nenhum em dar uma olhadinha nela... na maior parte do tempo. Na verdade, em algumas ocasiões eu inclusive agarraria sem nem pestanejar a oportunidade de fazer por merecer o pagamento por hora exorbitante feito por Amber, que me permite pagar meu aluguel e me alimentar com comida que não tenha sido catada numa caçamba de lixo. Só que, nesse dia, não dá.

– Eu tenho aula daqui a uma hora.

– Ah.

Amber franze o cenho, então logo volta a deixar a expressão impassível. Na última vez que vim aqui, ela me contou que tinha lido uma matéria em que dizia que sorrir e enrugar a testa são as duas maiores causas de rugas, por isso vem tentando manter a expressão o mais neutra possível em todas as situações.





– Você não tem como faltar? – insiste ela. – As aulas não ficam gravadas? Ou não tem alguma transcrição que você possa pegar depois?

Não, não tem. Além do mais, já faltei a duas aulas nos últimos quinze dias por causa dos seus pedidos de última hora para ficar com a filha dela. Estou tentando me formar na faculdade e preciso tirar uma nota decente nessa matéria. E, de toda forma, eu gosto dessa disciplina. Psicologia social é algo divertido e interessante. E tirar a média nela é crucial para obter o meu diploma.

– Eu não pediria se não fosse importante – diz Amber.

A definição dela de “importante” talvez não seja a mesma que a minha. Para mim, “importante” é me formar na faculdade e tirar meu diploma de serviço social. Não sei ao certo como uma ida à pedicure poderia ser igualmente importante. Tipo, nós ainda estamos no final do inverno. Ninguém vai *ver* os pés dela tão cedo.

– Amber... – começo a dizer.

Bem nessa hora, um choro agudo irrompe na sala. Embora eu não esteja cuidando de Olive oficialmente nesse dia, em geral fico de olho nela sempre que estou no apartamento. Amber leva a filha para brincar com um grupo de amiguinhos três vezes por semana e no restante do tempo parece empenhada em inventar maneiras de arrumar outra pessoa para ficar com a menina. Já reclamou comigo que o Sr. Degraw não a deixa contratar uma babá em tempo integral pelo fato de ela própria não trabalhar, então Amber monta um esquema com uma série de babás freelancers, das quais a principal sou eu. De toda forma, Olive estava no cercadinho quando comecei a faxina, e fiquei na sala com ela até o ronco do aspirador a fazer pegar no sono.

– Millie – diz Amber num tom incisivo.

Dou um suspiro e largo a esponja que estava segurando, esponja essa que parece ter se fundido à minha mão ultimamente. Lavo as mãos na pia, e em seguida as enxugo na calça jeans.

– Já estou indo, Olive! – aviso, a voz mais alta.

Quando entro na sala de novo, vejo que Olive conseguiu se equilibrar em pé na lateral do cercadinho e está chorando com tamanho desespero que seu rostinho redondo ficou vermelho vivo. Ela é o tipo de bebê que se poderia encontrar na capa de uma revista infantil. É o retrato perfeito de um anjinho, linda até o último fio dos cabelos loiros e macios, nesse instante grudados do lado esquerdo da cabeça por causa do cochilo que acabou de tirar. No





momento, não se parece tanto assim com um anjinho, mas, ao me ver, na mesma hora levanta os braços e os soluços diminuem.

Estendo as mãos para dentro do cercado e a pego no colo. Ela afunda o rostinho molhado no meu ombro, e não me sinto tão mal assim em faltar à aula se for preciso. Não sei o que é, mas, assim que fiz 30 anos, foi como se algum interruptor dentro de mim tivesse sido acionado para me fazer achar bebês a coisa mais fofa de todo o universo. Adoro ficar com Olive, embora ela não seja o *meu* bebê.

– Eu te agradeço demais, Millie – diz Amber, já vestindo o casaco e pegando sua bolsa Gucci no cabide ao lado da porta. – E meus dedos dos pés também, pode acreditar.

Tá, tá bom.

– A que horas você volta?

– Não vou demorar muito – garante ela, o que ambas sabemos ser uma mentira descarada. – Afinal, sei que minha princesinha vai ficar com saudades de mim!

– Claro – murmuro.

Enquanto Amber revira a bolsa à procura das chaves, do celular ou da base facial, Olive se aconchega mais junto a mim. Ela ergue o rosto redondo e me abre um sorriso com seus quatro dentinhos minúsculos.

– Ma-mã – declara ela.

Ainda com a mão dentro da bolsa, Amber congela. É como se o tempo tivesse parado.

– O que *foi* que ela falou?

Ai, não.

– Ela falou... Millie?

Alheia ao problema que está causando, Olive torna a sorrir para mim e balbucia, dessa vez mais alto:

– Mamã!

O rosto de Amber fica todo cor-de-rosa por baixo da base.

– Ela por acaso acabou de chamar você de *mamã*?

– Não...

– Mamã! – grita Olive, toda feliz.

Ai, meu Deus, menina, dá pra parar com isso?

Amber joga a bolsa em cima da mesa de centro, o rosto contorcido numa máscara de raiva que é bem capaz de lhe causar algumas rugas.





– Você anda dizendo pra Olive que é a mãe dela?
– Não! Eu falo pra ela que meu nome é Millie. *Millie*. Com certeza, ela só deve ficar confusa, já que sou eu que...

Os olhos de Amber se arregalam.

– Já que você passa mais tempo com ela do que eu? É isso que você ia dizer?

– Não! Claro que não!

– Você tá dizendo que eu sou uma *mãe ruim*?

Amber dá um passo na minha direção, e Olive faz uma cara alarmada.

– Você se acha mais mãe da minha filhinha do que eu?

– Não! Eu nunca...

– *Então por que anda dizendo a ela que a mãe dela é você?*

– Eu não ando dizendo isso! – retruco, percebendo que minha remuneração exorbitante de babá está indo pelo ralo. – Juro que não. *Millie*, é só isso que digo pra ela. É que pra ela o som deve ser parecido com mamã, só isso. Os dois começam com M.

Amber inspira bem fundo para se acalmar. Em seguida, dá outro passo na minha direção.

– Me dá meu bebê.

Mas Olive não facilita as coisas. Ao ver a mãe vindo na sua direção com os braços estendidos, ela se agarra com mais força ainda ao meu pescoço.

– Mamã! – exclama a menina, soluçando no meu cangote.

– Olive – murmuro. – Eu não sou sua mamã. Sua mamã é *aquela ali*.

Aquela ali prestes a me pôr no olho da rua se você não me soltar.

– Isso não é justo! – reclama Amber. – Eu amamenteei ela por mais de uma semana! Isso por acaso não vale nada?

– Eu sinto muito...

Por fim, Amber arranca Olive do meu colo enquanto a menina se esgoela.

– Mamã! – grita ela, com os bracinhos rechonchudos estendidos para mim.

– Ela não é sua mãe! – diz Amber, repreendendo a neném. – A sua mãe sou eu. Você quer ver as estrias? Essa mulher *não* é sua mãe.

– Mamã! – choraminga a menina.

– Millie – corrijo. – *Millie*.

Mas que diferença faz? Ela não precisa saber meu nome porque, depois disso, nunca mais vou ter permissão para pôr os pés nesta casa. Estou no olho da rua *mesmo*.





DOIS

Durante a caminhada da estação de trem até meu apartamento de um quarto no sul do Bronx, mantenho um dos braços pressionado com força em volta da bolsa e o outro segurando a lata de spray de pimenta que levo no bolso, mesmo em plena luz do dia. Neste bairro, todo cuidado é pouco.

Nesse dia, me sinto sortuda por ter ao menos meu apartamentozinho no meio de um dos bairros mais perigosos de Nova York. Se não arrumar logo outro emprego para substituir a renda que acabei de perder depois de Amber Degraw me mandar embora (sem se oferecer para me dar uma carta de recomendação), o melhor que eu poderia esperar é uma caixa de papelão na rua em frente ao prédio de tijolos decrépito no qual moro no momento.

Se não tivesse decidido fazer faculdade, a essa altura talvez tivesse conseguido juntar algum dinheiro. Mas eu, burra, decidi tentar me aprimorar.

Ao percorrer o último quarteirão até meu prédio, meus tênis chiam quando piso num trecho molhado da calçada. Tenho a sensação de que alguém está atrás de mim, me seguindo. É claro que ando sempre muito alerta por aqui. Mas há momentos em que tenho a forte sensação de ter atraído o tipo errado de atenção.

Nesse momento, por exemplo, além do arrepio na nuca, ouço passos atrás de mim. Parecem estar ficando mais altos conforme avanço. Quem quer que se encontre no meu encalço está chegando mais perto.

Só que não me viro. Tudo o que faço é segurar com mais força meu casaco





preto sóbrio e apressar o passo, passando por um Mazda preto com a lanterna dianteira direita rachada, por um hidrante vermelho vazando água pela rua inteira, até que por fim subo os cinco degraus de concreto irregulares até a entrada do meu prédio.

Já estou com as chaves na mão. Ao contrário do prédio residencial chique dos Degraws no Upper West Side, o meu não tem porteiro. Há um interfone e uma chave para abrir a porta. Quando me alugou o apartamento, a proprietária, Sra. Randall, me deu um sermão bem sério sobre não deixar ninguém entrar atrás de mim. *É um ótimo jeito de ser assaltada ou estuprada.*

Quando estou encaixando a chave na fechadura, que sempre parece agarrar, os passos tornam a ficar mais altos. Um segundo depois, uma sombra se avulta ao meu lado, e não tenho mais como ignorá-la. Ergo os olhos e identifico um homem de 20 e poucos anos, usando um casaco preto e com os cabelos escuros levemente úmidos. Ele parece vagamente familiar, sobretudo por causa da cicatriz acima da sobrancelha esquerda.

– Eu moro no segundo andar – lembra ele ao ver a hesitação no meu rosto. – No 2C.

– Ah – respondo, embora não fique muito animada em deixá-lo entrar.

O homem saca um molho de chaves do bolso e as sacode na minha frente. Uma delas tem as mesmas marcações que a minha.

– 2C – repete ele. – Bem debaixo de você.

Enfim cedo e dou um passo para dentro, de modo a permitir que o homem da cicatriz entre no prédio, considerando que, se ele quisesse, seria fácil me empurrar e entrar. Sigo na frente e vou subindo devagar os degraus, um de cada vez, enquanto me pergunto como diabos vou pagar o aluguel do mês seguinte. Preciso de um emprego, e preciso agora. Tive um bico de bartender por um tempinho, e fui burra ao abrir mão dele, já que cuidar de Olive pagava bem melhor e os horários de última hora tornavam difícil acomodar o segundo emprego. Além disso, não é fácil para alguém como eu arrumar outro emprego. Não com o meu histórico.

– Que tempo bom tem feito, né? – comenta o homem da cicatriz, que está subindo a escada um degrau atrás de mim.

– Ahã – respondo.

A última coisa que quero agora é falar do tempo.

– Ouvi dizer que vai nevar outra vez semana que vem – acrescenta ele.

– Ah, é?





– É. Previram vinte centímetros. Pra fechar o inverno.

Nem consigo mais tentar fingir interesse. Quando chega ao segundo andar, o homem me abre um sorriso.

– Bom dia pra você então – diz ele.

– Pra você também – balbucio.

Enquanto ele segue pelo corredor até o próprio apartamento, não consigo parar de pensar no que me disse quando o deixei entrar. *2C. Bem debaixo de você.*

Como ele sabe que eu moro no 3C?

Faço uma careta e subo um pouco mais depressa a escada até meu apartamento. Já estou com a chave pronta outra vez e, assim que entro, bato a porta com força, giro a fechadura e passo o trinco. É provável que esteja dando muita importância ao comentário dele, mas todo cuidado é pouco. Principalmente quando se mora no sul do Bronx.

Minha barriga ronca, porém, mais do que comida, estou louca é por um banho quente. Certifico-me de que a persiana esteja abaixada antes de tirar a roupa e pular debaixo do chuveiro. Sei por experiência própria que há um limite tênue entre a água sair pelando ou gelada. Desde que comecei a morar aqui, já virei especialista em ajustar a temperatura. Mas a água pode esfriar ou esquentar quase dez graus numa fração de segundo, de modo que não me demoro muito no chuveiro. Só preciso tirar um pouco da sujeira do corpo. Depois de um dia inteiro andando pela cidade, fico sempre coberta por uma camada de pó preto. Detesto pensar em como devem estar meus pulmões.

Não consigo acreditar que perdi aquele emprego. Amber confiava tanto em mim. Pensei que estivesse segura pelo menos até Olive entrar no jardim de infância, talvez mais. Estava quase começando a me sentir confortável, como se tivesse um emprego fixo e uma renda com a qual pudesse contar.

Agora tenho que procurar outra coisa. Talvez vários outros empregos para substituir aquele. E não é tão fácil para mim quanto para a maioria das outras pessoas. Não posso exatamente colocar um anúncio num dos aplicativos mais usados de babás porque todos exigem uma verificação de antecedentes. E, assim que isso acontecer, qualquer perspectiva de trabalho para mim irá por água abaixo. Ninguém quer uma pessoa como eu trabalhando dentro de casa.

No momento, estou meio sem referências. Porque, por um tempo, os trabalhos de faxina que eu pegava não eram exatamente só faxina. Eu costumava





prestar outro serviço para várias das famílias cujas casas limpava. Só que não faço mais isso. Já faz muitos anos.

Bom, de nada adianta ficar remoendo o passado. Não quando o futuro parece tão sombrio.

Pare de sentir pena de si mesma, Millie. Você já esteve em situações piores do que essa e conseguiu se virar.

A temperatura do chuveiro despenca do nada, e dou um grito involuntário. Estendo a mão para o registro e desligo a água. Consegui uns bons dez minutos. Melhor até do que eu esperava.

Eu me enrolo no roupão de banho sem me dar ao trabalho de calçar os chinelos. Vou deixando pegadas molhadas até a cozinha, que não passa de um puxadinho da sala. No superapartamento dos Degraws, a cozinha, a sala de estar e a de jantar eram três espaços distintos. Mas, no meu, eles fundiram tudo num único cômodo, que, por ironia, é bem menor do que qualquer um dos cômodos da residência dos Degraws. Até o banheiro deles é maior do que toda a área de estar do meu apartamento.

Ponho água para ferver no fogão. Não sei o que vou fazer para o jantar, mas provavelmente a refeição vai envolver algum tipo de massa fervida em água, seja um ramen, um espaguete ou um macarrão parafuso. Estou examinando minhas opções quando ouço batidas na porta.

Hesito, apertando o cinto do roupão em volta da cintura. Tiro uma caixa de espaguete do armário.

– Millie! – A voz atrás da porta soa abafada. – Millie, me deixa entrar!

Faço uma careta. Ah, não.

Então:

– Eu sei que você tá aí!





TRÊS

Não tenho como ignorar a pessoa que está batendo na porta.

Meus pés deixam um rastro de pegadas molhadas quando atravesso os poucos metros até a porta. Aproximo o rosto do olho mágico. Há um homem parado em frente à minha porta, os braços cruzados diante dos bolsos do terno Brooks Brothers.

– Millie. – A voz agora é um rosnado baixo. – Me deixa entrar. *Agora.*

Dou um passo para trás, me afastando da porta. Por um instante, pressiono as têmporas com a ponta dos dedos. Mas é inevitável: preciso deixar aquele homem entrar. Então, estendo a mão, solto o trinco, giro a fechadura e, com todo o cuidado, abro uma fresta na porta.

– Millie. Qual é, hein?

Ele empurra a porta para abri-la até o fim e entra na minha casa. Seus dedos se fecham em volta do meu braço.

Meus ombros afundam.

– Foi mal, Brock.

Brock Cunningham, meu namorado há seis meses, me encara.

– A gente tinha ficado de jantar hoje. Você não apareceu. E não estava respondendo às mensagens nem atendendo o celular.

Ele está coberto de razão. Devo ser mesmo a pior namorada de todos os tempos. Brock e eu tínhamos ficado de nos encontrar num restaurante em Chelsea depois da minha aula hoje, mas, após ser demitida, como mal





conseguia me concentrar na aula – e com certeza não estava a fim de jantar fora –, acabei indo direto para casa. Mas sabia que, se ligasse para o Brock e lhe dissesse que não queria ir, ele teria se sentido compelido a me convencer. E, por ser advogado, ele é superconvincente. Então eu tinha o plano de lhe mandar uma mensagem cancelando o jantar, mas fiquei adiando, e estava tão ocupada sentindo pena de mim mesma que depois esqueci completamente.

Como já falei, a pior namorada de todos os tempos.

– Me desculpa – repito.

– Fiquei *preocupado* com você – argumenta ele. – Achei que alguma coisa horrível pudesse ter te acontecido.

– Por quê?

Uma sirene ensurdecedora dispara bem do lado de fora da janela, e Brock me olha como se eu tivesse feito uma pergunta muito ridícula. Sinto uma fígada de culpa. Brock devia ter milhões de coisas para fazer esta noite, e não só o fiz me esperar no restaurante feito um idiota, como agora ele desperdiçou o resto da noite indo até o sul do Bronx para se certificar de que eu estava bem.

No mínimo, eu lhe devo uma explicação.

– A Amber Degraw me demitiu. Então basicamente eu tô ferrada.

– Sério?

As sobrancelhas dele pulam para cima. Brock tem as sobrancelhas mais perfeitas que já vi num homem, e estou convencida de que deve fazê-las com um profissional, mas ele não admite uma coisa dessas.

– Demitiu por quê? – pergunta ele. – Achei que você tivesse dito que sem você ela não dava conta. Você falou que estava praticamente criando a filha dela.

– Justamente – respondo. – A filha dela não parou de me chamar de mamã, e a Amber surtou.

Brock passa alguns segundos me encarando, e então, inesperadamente, começa a rir. No começo, fico ofendida. Acabei de perder o emprego. Será que ele não entende como isso é péssimo?

Mas então, um segundo depois, me pego rindo também. Jogo a cabeça para trás e rio do ridículo da situação. Penso em Olive estendendo os braços para mim e soluçando “mamã” enquanto Amber ficava cada vez mais irada. No final, achei mesmo que ela fosse acabar tendo um aneurisma.

Um minuto depois, estamos ambos enxugando lágrimas dos olhos. Brock passa os braços ao meu redor e me puxa mais para perto, não mais zangado





por eu ter lhe dado um bolo. Ele não se chateia com facilidade. A maioria das pessoas incluiria isso na lista de qualidades dele, embora haja ocasiões em que eu gostaria que Brock demonstrasse um pouco mais de paixão.

De modo geral, porém, estamos no melhor momento do nosso relacionamento. Seis meses. Existe momento melhor numa relação do que seis meses? De verdade, não sei, porque essa é só a segunda vez que cheguei a esse marco. Mas, para mim, seis meses parecem ser aquele período perfeito, no qual a cerimônia do início de namoro já passou, mas cada um continua a mostrar ao outro o seu melhor lado.

Por exemplo, Brock é um advogado bonitão de 32 anos e de boa família. Parece quase perfeito. Tenho certeza de que ele tem hábitos problemáticos, mas não sei quais são. Vai ver ele tira cera de ouvido com o dedo e depois passa na bancada da cozinha ou no sofá. Ou vai ver ele *come* a cera de ouvido. O que quero dizer é que existem vários hábitos ruins que ele pode ter sobre os quais nada sei, e alguns deles talvez nem sequer envolvam cera de ouvido.

Bom, ele tem sim *uma* imperfeição. Apesar do fato de ser um cara jovem e forte, cujo rosto corado transborda saúde, ele na verdade tem uma doença cardíaca que desenvolveu na infância. Mas isso não parece afetá-lo em nada. Ele toma um comprimido por dia, e a coisa parece parar por aí. Só que o comprimido é importante o suficiente para ele ter um frasco reserva no meu armário de remédios. E a doença e a incerteza em relação à sua expectativa de vida o tornaram um pouco mais ansioso para formar uma família do que a maioria dos caras.

– Deixa eu te levar pra jantar – diz Brock. – Quero te animar um pouco. Faço que não com a cabeça.

– Eu só quero ficar em casa chorando as pitangas mesmo. E depois, quem sabe, procurar uns empregos na internet.

– A essa hora? Só faz algumas horas que você perdeu o emprego. Não pode esperar pelo menos até amanhã?

Ergo os olhos e o fuzilo com o olhar.

– Tem gente que precisa de dinheiro pra pagar o aluguel.

Ele assente devagar.

– Tá, mas e se você não precisasse se preocupar com o aluguel?

Tenho uma sensação ruim de saber o rumo que a conversa está tomando.

– Brock...

– Sério, Millie, por que você não quer vir morar comigo? – pergunta ele,





franzindo o cenho. – Eu tenho um apartamento de dois quartos com vista para o Central Park, num prédio onde ninguém vai cortar sua garganta durante a noite. E você já vai lá o tempo todo mesmo...

Não é a primeira vez que ele sugere que eu vá morar com ele, e não posso acusá-lo de não ser convincente. Se eu fosse morar com Brock, passaria a levar uma vida de luxo sem ter que pagar um tostão por isso. Ele nem sequer me deixaria contribuir se eu quisesse. Poderia me concentrar em terminar a faculdade para poder virar assistente social e fazer alguma coisa de bom no mundo. A decisão parece óbvia.

Só que toda vez que cogito responder sim, uma vozinha no fundo da minha cabeça grita: “*Não faça isso!*”.

A voz dentro da minha cabeça é tão convincente quanto a de Brock. Existem vários bons motivos para ir morar com ele, mas um único bom motivo para não ir. Ele não faz ideia de quem eu sou de verdade. Ainda que ele de fato coma a cera do próprio ouvido, os meus segredos são bem piores.

Então, aqui estou eu, na relação mais normal e saudável de toda a minha vida adulta, e pareço decidida a ferrar tudo. Mas meio que estou num beco sem saída. Se lhe contar a verdade sobre meu passado, ele talvez termine comigo, e não quero isso. Porém, se eu não contar...

De uma forma ou de outra, ele vai descobrir tudo. Só que não estou pronta para isso.

– Desculpa – digo. – Como já falei, preciso do meu próprio espaço no momento.

Brock abre a boca para protestar, mas então muda de ideia. Ele me conhece bem o suficiente para saber até que ponto posso ser teimosa. Viu? Ele já está descobrindo alguns dos meus piores defeitos.

– Pelo menos me diz que vai pensar no assunto.

– Vou pensar no assunto – minto.





CONHEÇA OS LIVROS DE FREIDA MCFADDEN

A empregada
O segredo da empregada

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

